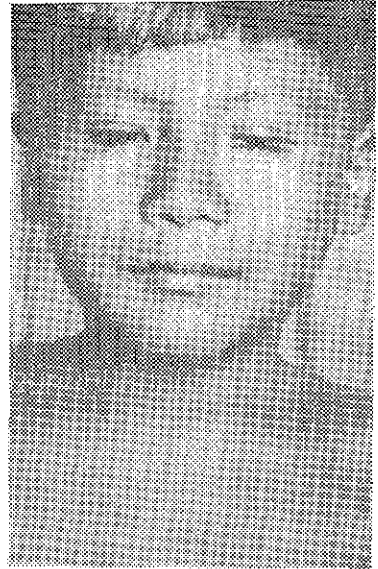
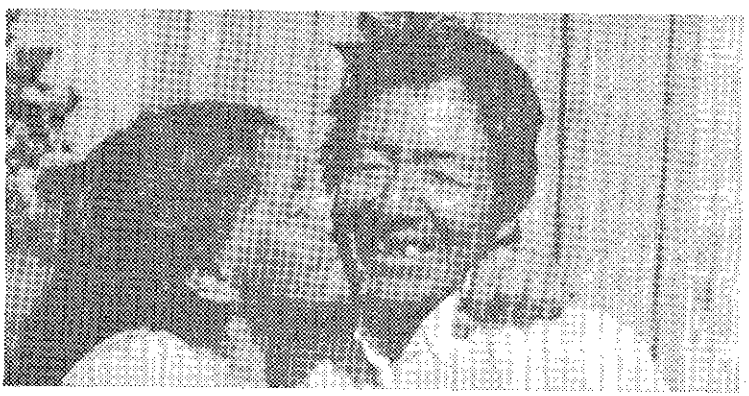


CEDI - P. I. B.  
DATA 16 / 11 / 87  
COD OXD03



# OFAYÉ XAVANTE

*ainda estamos vivos!*



## PERSEGUIÇÃO E EXTERMÍNIO



Até o início deste século, os índios Ofayé Xavante eram milhares e habitavam a margem direita do rio Paraná, desde a foz do Sucuriú até as nascentes do Vacaria e Ivinhema. Antigos caçadores e coletores dos campos naturais da região compreendida hoje pelos municípios de Três Lagoas, Brasilândia, Bataguassú, Nova Andradina, Bataiporã e Rio Brilhante, no Mato Grosso do Sul, foram praticamente exterminados, sob a alegação que caçavam o gado dos fazendeiros que se instalaram na região neste período.

Um pequeno grupo, entretanto, contrariando a tese do antropólogo Darcy Ribeiro que deu-se como extintos, em 1970, conseguiu manter-se unido na língua e nos costumes, ficando sua aldeia junto às margens do Ribeirão Boa Esperança que empresta o nome à propriedade do Sr. Athur Hoffig, falecido, fundador do município de Brasilândia. Até 1940, formavam um agrupamento com mais de 200 pessoas.

Sobreviveram anonimamente até 1976, quando no dia 6 de agosto, o jornal "O Estado de São Paulo" denunciava a grave situação que se encontravam os índios Ofayé Xavante da "Aldeia Esperança". Completamente abandonados e dizimados pela tuberculose, anemia e alcoolismo, encontravam-se a caminho da extinção.

Em 1978, a Funai, juntamente com lideranças da região, transfere-os para a conflituosa região de Bodoquena, no extremo oeste do estado, onde índios, posseiros e fazendeiros disputam a posse e arrendamento das terras da Reserva Indígena Kadiwéu. Usados como bucha de canhão, são enganados e jogados no meio do invasor.

A pressão dos fazendeiros e a ingerência branca nos assuntos indígenas da Reserva Kadiwéu determina violenta perseguição aos Ofayé Xavante, levando à região uma verdadeira guerra civil. Neste contexto os Ofayé Xavante, de índole extremamente pacífica, vêem-se obrigados a deixar a área. Depois de sofrerem toda a sorte de atrocidades, por conta própria retornam à sua região de origem – Brasilândia –, onde vivem atualmente como empregados rurais, dispersos pelas fazendas. Agora são farrasteiros na sua própria terra.



## O POVO OFAYÉ



OPAÉ ou OFAYÉ é o nome que estes índios dão a si mesmos e XAVANTE é o nome que receberam dos brasileiros que durante os primeiros séculos da colonização exploraram o Centro Oeste.

Distinguem-se radicalmente dos Xavantes do rio das Mortes (Xavante Akuên) e dos Xavante dos Campos Novos (Xavante Oti), com os quais nada têm em comum, a não ser o fato de viverem todos eles no campo.

Linguisticamente classificados como um grupo isolado, com forte influência do tronco Gê, têm estatura pequena, são tímidos e de índole extremamente pacífica. Isto contraria em muito as versões dos massacres que estes índios teriam praticado contra as expedições que, seguindo a rota dos rios Tietê-Paraná-Pardo-Taquari, buscavam as minas de Cuiabá, no século passado.

Atualmente os Ofayé Xavante compõem-se de um grupo de pouco mais de 40 pessoas, entretanto, a julgar pelo fato de que a maioria dos índios naturais desta região procuram “esconder” sua condição de grupo etnicamente diferenciado, pode-se estimar que os Ofayé Xavante devam ser muito mais numerosos.

As crianças menores, na sua maioria, entendem muito pouco o português e entre eles falam somente o Ofayé. Quando se encontravam na região de Bodoquena, alguns ainda dormiam diretamente sobre o solo e as construções assemelhavam-se em muito às suas antigas cabanas.

O que revela a possibilidade, uma vez garantida a terra para o grupo, que eles teriam condições de recuperar sua identidade como povo e como nação.

Todos os encaminhamentos oficiais que historicamente ocorreram, revelam que o problema de se ga-



Nossa esperança é perfeita e gentil

rantir uma área de terra para os Ofayé Xavante por várias vezes foi mencionado sem, contudo, nunca ser efetivamente resolvido, como provam os decretos e ofícios de 1924, 1942, 1952, 1953 e 1965.

Recentemente os Ofayé Xavante estiveram com o Superintendente de Assuntos Fundiários da Funai, em Brasília, que apresentou três procedimentos possíveis para a recuperação de suas

terras: o levantamento histórico, por um Grupo de Trabalho Interministerial, do território requerido; a desapropriação de uma área para transformá-la em reserva; ou a aquisição, pelo órgão tutor, de uma pequena parcela de terra, para onde os índios seriam transferidos. Até agora a Funai ainda não se posicionou, enquanto isso os índios passam por graves dificuldades lutando desesperadamente por sua sobrevivência.

**“As nossas almas são tímidas perante esses comprometidos cheios de egoísmo, mas vamos ter a nossa comida com o suor e com a ajuda de Deus”.**

**Ataide Rodrigues, índio Ofayé.**



## CHEGA DE PROMESSAS

“Mediante toda essa situação, estamos enfrentando uma vida péssima. Acreditamos nas promessas e alcançamos a pura miséria.

Agora estamos de volta nesta região desse município de Brasilândia, depois de ter suportado uma injustiça praticada pelos mentirosos funcionários da Funai. Por que tanta injustiça para nós (que) nada fizemos? Na verdade a coisa está difícil para todos.

Por isso chegou a nossa consciência de que a Funai não vai garantir o território requerido. Desejamos que o nosso problema seja conhecido pela sociedade branca, mesmo sabendo que os interesses dos povos indígenas no Brasil não é muito ouvido.

... Enquanto as autoridades se envolvem para a vida de riqueza, a humanidade lamenta o problema que enfrenta”.

Atafé Rodrigues, Índio Ofayé Xavante.

A divulgação e solidariedade para com a causa do povo Ofayé Xavante poderá ser decisiva para a sobrevivência física e cultural do grupo. Somente com o apoio de todos, eles serão poupados do genocídio, cuja responsabilidade sobre todos nós pesa. Ajude a salvá-los!



